



O potencial do programa “Profissão Repórter” como Aula Invertida

Ana Lúcia de Medeiros Batista

(UFSCar)

Paula Reis Melo

(UFPE)

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o programa “Profissão Repórter” (TV Globo) como uma experiência de aula invertida. O idealizador do programa, Caco Barcellos, assume o papel de professor ao compor a equipe multigeracional com a predominância de jornalistas recém-formados. A produção do programa privilegia a mostração dos bastidores, caracterizando uma linguagem inovadora com experimentações de novas formas de fazer jornalismo. Nesta dinâmica, Barcellos ensina o exercício da profissão, provocando uma reflexão sobre a realidade da reportagem em que a rua é sempre um lugar de interação desafiador. A experiência é um encontro com o outro, consigo e com as possibilidades que a rua oferece. Como metodologia, foi analisado o processo de interação dos realizadores do programa, suas características e funcionamento, a partir da perspectiva teórica dos dispositivos interacionais (BRAGA, 2011). Foi realizada uma entrevista com o idealizador do “Profissão Repórter”. A postura de Barcellos como professor de jornalismo se estende, inclusive, a esta entrevista, quando ocorre uma inversão de papéis. No processo de interação, ele tenta direcionar as perguntas resgatando o seu constante papel de entrevistador, o que reforça o caráter de experimentação e inovação do programa como extensão da sala de aula.

Palavras-chave: Aula Invertida, Processos interacionais, Experimentação.

Abstract:

The creator of the program, Caco Barcellos, assumes the role of teacher and composes a multigenerational team with the predominance of newly trained journalists. The program's production focuses on the backstage scenes, featuring an innovative language with trials of new ways of making journalism. In this way, Barcellos teaches the profession, encouraging a reflection on the reality of the story in which the street is always a place of challenging interaction. The experience is an encounter with the other, with oneself and with the possibilities that the street offers. As methodology, we analyzed the interaction process of program directors, their characteristics and performances, from the theoretical perspective of interventional devices (BRAGA, 2012). An interview with the creator of



"Profession Reporter" was held. Barcellos' posture as a professor of journalism even extends itself to this interview when a role reversal occurs. In the process of interaction, he tries to direct questions rescuing his constant role as interviewer, which reinforces the character of experimentation and innovation of the program as an extension of the classroom.

Keywords: Inverted Lecture, interactional processes, experimentation.

Introdução

O programa Profissão Repórter (TV Globo) vai ao ar todas as terças-feiras à noite com uma temática social de impacto e uma maneira autorreflexiva de fazer jornalismo. O idealizador do programa, o jornalista Caco Barcellos, assume as funções de repórter e professor ao ensinar "fazendo" a jovens jornalistas. Essa percepção de Barcellos, de autorreflexão e de que o aprendizado não se limita à sala de aula, torna o Profissão Repórter uma experiência de aula invertida. Isso ocorre em todas as fases do processo de produção do programa, e se acentua quando os repórteres vão às ruas, em busca dos dados, no geral surpreendentes, tanto pelas pautas escolhidas sobre problemas sociais, quanto pela maneira de imersão na realidade.

Nessa dinâmica, a câmera e o microfone aparecem como sujeitos, como personagens da notícia, como explica Eloísa Klein (2012):

Não há reportagem em *Profissão Repórter* sem associação aos processos pelos quais foi produzida. Num programa televisivo, isso significa a associação entre a reportagem final e o conjunto de técnicas, procedimentos, padrão de ação, valores-notícia, ética profissional da atividade jornalística, desvios que acarretam em um tipo de abordagem e não outro. Como algumas destas características são abstratas, certos recursos são necessários para torná-las parte integrante da reportagem, como conteúdo audiovisual (KLEIN, 2012, p.205).



O programa é exibido com o seu fazer em ato, expondo as orientações de Barcellos, as reações dos repórteres e os seus incômodos e surpresas diante da problemática em questão, ao mesmo tempo em que interpela o telespectador a sentir as sensações que a rua proporciona. É nessa perspectiva que se constata a câmera como um dispositivo de interação, que:

[...] são espaços e modos de usos não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais (BRAGA, 2011, p.11).

A mostração das câmeras reforça o chamamento do espectador para assumir um papel de participante no processo interacional. Embora tão visíveis diante da câmera quanto os personagens da notícia, os jovens repórteres aparecem mais preocupados em mostrar a experiência de lidar com a realidade e de interagir com os outros sujeitos da notícia, do que com a adesão a uma estética-padrão. Nem tudo é belo, sublime ou limpo. O programa parece ter uma licença para apresentar os repórteres, por vezes, sujos, enojados, chocados... por desafiá-los a saírem do lugar confortável que seria o de um observador externo.

Essa diretriz desafiadora e inovadora do próprio programa é um reflexo do seu idealizador, cujo perfil se espalhou também na entrevista que concedeu a uma das autoras deste artigo.

Neste trabalho, descrevemos a experiência de entrevistar um jornalista que não sai do seu lugar de repórter e assume também o de professor, até mesmo na interação com a pesquisadora/entrevistadora. Os detalhes do processo da entrevista enfatizam esse perfil de Caco Barcellos, jornalista nacionalmente conhecido, que goza, inclusive, do status de “celebridade”.



Esse aspecto da visibilidade midiática adquirida por Barcellos é o gancho da entrevista, mas a singularidade do jornalista possibilita outras angulações que permeiam a biografia do entrevistado e a dinâmica adotada no exercício da profissão. O diálogo mantido entre entrevistado e pesquisadora possibilitou a inversão de papéis e o desenvolvimento de uma “entrevista mútua”, reforçando o perfil de um entrevistado que a todo o momento promove ensinamentos sobre sua *expertise*. A ampliação do lugar da sala de aula com a produção de um programa que tem como característica o “ensinar fazendo”, demonstra o potencial dos dispositivos midiáticos como aula invertida ao mesmo tempo em que valoriza a sensibilidade humana dos interlocutores em processos interacionais.

1. A Entrevista e a Aula Invertida

A entrevista realizada pela pesquisadora Ana Lúcia Medeiros com Caco Barcellos fez parte da coleta de dados para a tese de doutorado “O Noticiador-Noticiado: perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização” (2013), posteriormente, transformada em livro (MEDEIROS, 2015). O objetivo da entrevista foi investigar como um jornalista-celebridade como Caco Barcellos se via nesse lugar, se reconhecia nesse *status* e como lidava com essa condição na sua atividade profissional.

No primeiro momento do encontro da pesquisadora com Caco Barcellos, há o indício de que o comando não é da pesquisadora. É ele quem começa a entrevista: “Me fale um pouquinho do seu trabalho”. A pesquisadora explica que o jornalista que trabalha em televisão, por ter sua imagem frequentemente exposta, acaba se tornando famoso, e essa visibilidade o transforma potencialmente também em notícia. “Eventualmente o jornalista aparece para o telespectador como notícia”, explica. Depois da explicação, Caco Barcellos discorda já apresentando um princípio do



“Profissão Repórter”: “Desse último item eu discordo. No meu caso há quem se noticie e quem não. Acho que não é intenção nossa contar a nossa história.”

Diante da negação, a pesquisadora questiona:

Pesquisadora – Não?

Caco Barcellos – Porque eu nunca sou notícia.

Ana Lúcia – Não?

Caco Barcellos – Há quem se noticie e quem não. Não é função nossa contar a nossa história ali. Nós temos importância relativa.

E aprofunda sua argumentação:

No meu programa, a gente até expõe os bastidores para mostrar como as coisas são. Eu estou aqui por isso, estas coisas estão acontecendo. Aliás, se a gente interferir na notícia nós estamos condenados a não entrar no ar. O repórter que interfere na notícia, aqui, ele não trabalha com a gente. É diferente: você pode até interferir para que a notícia não aconteça. Isso eu acho legítimo. Se você observa que uma criança estava se afogando numa piscina e diz “eu não fiz o meu trabalho para salvar uma criança”, e a matéria era sobre recreação na piscina, você deixa de fazer para salvar a criança, sua atitude é louvável. Se você fica filmando ali pra que a notícia aconteça, não trabalha com a gente. Nós somos muito rígidos nisso. Eu acho legítimo interferir para que a notícia não aconteça. Interferir para que aconteça, eu acho gravíssimo.

Quando fala em ser notícia, ele conduz a conversa para outro caminho, mas é a pesquisadora quem assume o comando:



Pesquisadora – Eu vou tentar ser mais clara porque, na verdade, não é isso o que eu estudo. O que eu analiso é que a condição de estar na TV já faz aquela pessoa famosa.

Caco Barcellos – Isso sim. Se eu fizer qualquer bobagem, todo mundo vai saber.

Pesquisadora – É isso. É no sentido de ser notícia nesse contexto. Eu observo que, como a pessoa está ali, a sua privacidade é comprometida pelo fato de sua imagem estar na TV com regularidade.

Aqui o entrevistado começa a efetivamente acompanhar a entrevistadora.

Caco Barcellos – Eu concordo com você.

Pesquisadora – É esse o trabalho. O que eu observo é que pelo fato de você estar ali a sua privacidade é comprometida.

Caco Barcellos – É impossível a gente, o repórter, não estar ali para contar a história.

Pesquisadora – O que eu observei é que se Caco Barcellos vai ao Vídeo Show ou ao programa Estrelas é para falar do seu programa, é o Profissão Repórter que está em pauta.

Caco Barcellos – É, mas aí é ficção. O Estrelas é ficção.

Ele desvia o foco, que é o fato de estar em um programa de entretenimento para falar de si e do trabalho que desenvolve.

Pesquisadora – Mas aí eu queria chegar ao ponto: quem está ali é o Caco Barcellos falando de seu programa e também trazendo alguns detalhes sobre sua vida pessoal. Isso virou notícia.

Caco Barcellos – Eu tenho consciência disso.

Pesquisadora – Não é intencional. Em nenhum momento da minha pesquisa eu coloco isso como algo intencional.



O entrevistado cria com a pesquisadora uma relação de cumplicidade, que abriu boas possibilidades para a apreensão de suas posições:

Caco Barcellos – Eu sei. A diferença que eu coloquei pra você é a diferença entre captação de notícia e o fato de, por estar em uma condição privilegiada, ter o direito de interferir nela.

Pesquisadora – Não, isso não.

O jornalista justifica a condição de ser uma pessoa pública pelo fato de “invadir” a casa das pessoas, o que dá a elas o direito de vê-lo como alguém próximo, íntimo. Ele assume que é uma pessoa conhecida, não passa despercebido em ambientes públicos: “Então se eu cheguei num *show*, vão falar que eu estou no *show*. Porque é diferente do cidadão que vai simplesmente curtir o *show*. Faz parte do processo”.

A entrevistadora pergunta: “Em algum momento você já deixou de fazer alguma coisa na sua vida pessoal pelo fato de trabalhar em televisão e pensou que gostaria de ser mais anônimo?”.

Caco Barcellos responde:

Se eu quisesse ser anônimo, era só não trabalhar. Eu acho que eu me benefico muito dessa exposição. Eu adoro contar história. Eu tenho o privilégio de trabalhar em uma empresa que me manda para qualquer lugar do mundo onde tem uma boa história acontecendo. Ora, eu conto com essas pessoas, elas contribuem, abrindo às vezes a sua privacidade ou me oferecendo confiança. Às vezes até pessoas que estão contando o pior da vida, os crimes que cometem, então eu me benefico muito com essa exposição.



Reconhece que estar na TV é condição para ganhar visibilidade. Para bem compreender o posicionamento do entrevistado, é importante registrar, aqui, o tipo de aparecimento que Caco Barcellos identifica como sendo o ideal. Essa condição de aparição foi observada pela pesquisadora Eloísa Klein, ao fazer um estudo de caso sobre o Profissão Repórter. Segundo Klein, ao selecionar jovens profissionais para trabalhar no programa que comanda, Caco Barcellos considera apto

[...] o repórter que se coloca no acontecimento, que procura entrevistar as pessoas, que registra o máximo de informações possíveis (falas, imagens, contexto), que não desiste, que tenta procurar outra forma de se aproximar do local e que organiza até mesmo as informações sobre a falta de sucesso na construção da reportagem como informações relevantes para a compreensão de um acontecimento (KLEIN, 2012, p. 279).

Há, portanto, modos variáveis da presença do repórter no acontecimento – desde que associados ao exercício de produção da notícia. Caco Barcellos faz referência à apuração atenta dos fatos, à credibilidade jornalística, ao olhar aguçado para o que ocorre na realidade. É diferente do aparecimento pelo aparecimento do repórter.

No relato a seguir, Barcellos reforça a diferença entre estar na tela da TV e estar em outros espaços que não proporcionam o aparecimento do jornalista:

Você concorda que se eu fosse uma pessoa preservadíssima, no meu quarto, escrevendo de lá, eu poderia fazer um belo trabalho, ninguém saberia quem é esse cara que escreve de lá. À medida que eu me exponho, eu me benefico. Eu chego numa favela, ninguém quer falar da situação porque tem um risco de causar um dano externo. E de repente tem uma multidão à minha volta, querendo ser fotografada ao meu lado, eu já estou interrogando, e as pessoas



começam a colaborar comigo. Então eu acho que tem de ser uma via de mão dupla. Eu nunca penso: que horror essa exposição, sempre tem alguém do meu lado. Não posso esquecer que isso me traz grandes benefícios. Eu não posso ser hipócrita de desejar tudo para mim e nada para os outros. Essa exposição ajuda muito no meu trabalho. O meu trabalho, se tem alguma diferença, é a grande quantidade de informação que está contida dentro dele. E as pessoas trazem as informações porque me conhecem.

Entende que a exposição favorece o profissional. A credibilidade e a boa reputação como profissional estão associadas à condição de ser famoso. Nesse contexto, percebe-se que a situação “ser famoso” ganha outra conotação, distante da compreensão “pessoa célebre” associada à efemeridade.

Acordamos que a credibilidade é o principal elemento caracterizador do jornalismo feito com seriedade:

Pesquisadora – Eu acho que credibilidade.

Caco Barcellos - Eu acho que também. As pessoas sabem quem eu sou, um cara sério que assume o trabalho.

Assim, o entrevistado reconhece que o *status* de famoso facilita o trabalho porque a fama está associada ao ofício de um profissional sério, que adquiriu credibilidade.

2. O jornalista-educador e a sala de aula invertida

Já demonstrando sentir-se à vontade na conversa, Barcellos se autodefine como um jornalista crível. O diálogo flui:

Pesquisadora – Uma pergunta que considero chave: como aconteceu essa situação de você ser notícia?



Ele agora aceita a questão proposta pela pesquisadora. Assume que é notícia, quando antes havia se defendido. Por discutir sempre o conceito de notícia no seu cotidiano, no trabalho que desenvolve, ele havia desviado o foco. Mas finalmente reconhece ser noticiado em espaços midiáticos que assumem as características de abordar aspectos da vida privada de pessoas famosas.

A pesquisadora insiste na pergunta, ainda não respondida: “E como aconteceu essa coisa de você ser notícia? Desde quando isso passou a ser uma coisa que pra você se tornou presente? A partir de que momento?”.

Caco Barcellos traz à tona o seu lado de educador e ensina como a pesquisadora pode elaborar mais adequadamente a pergunta, assim como faz com os jornalistas iniciantes do Profissão Repórter.

Caco Barcellos – Eu responderia mais facilmente se você perguntasse: quando aconteceu de você se tornar um cara conhecido?

Pesquisadora – Pronto. Tá bom. Obrigada.

A pesquisadora aceita o lugar de aluna. Aprendeu como elaborar a pergunta com o repórter, que a orientou como proceder na condição de entrevistadora. Com isso, permitiu que o diálogo fluísse. Ele, por sua vez, atendeu à necessidade da entrevistadora de obter uma resposta, de garantir cumprimento da pauta da entrevista para a pesquisa.

Caco Barcellos – Eu acho que veio com o trabalho na televisão. Eu era conhecido no universo dos iguais, dos repórteres. Desde o começo, minhas matérias eram sempre assinadas, eu já era conhecido ali, na minha cidade, em Porto Alegre.



A pesquisadora traz informações previamente levantadas: “Começou na sua vida de estudante, não é? Foi isso que eu li. Quando você era estudante”. Ele prossegue. Dá continuidade às informações e reforça a questão de a televisão ser, de fato, um espaço que dá visibilidade ao jornalista:

Caco Barcellos – Quando estudante, ainda. Estudante de Matemática, escrevendo para um jornal da cidade, que era um jornal de grande imprensa já. Eu fiz a faculdade de Matemática trabalhando como jornalista. Aí eu mudei para o Jornalismo e fiz a faculdade completa de Jornalismo. Mas já trabalhando. Então eu fui observando que eu era já relativamente conhecido no universo dos iguais, dos jornalistas. Quando eu mudei para a TV, as coisas mudaram. Na rua, as pessoas identificavam o meu nome com a minha cara.

Confirma com mais ênfase o fato de que a televisão é um veículo que proporciona visibilidade ao profissional do jornalismo, torna-o conhecido:

Pesquisadora – Podemos dizer, então, que é uma consequência natural.

Caco Barcellos – Uma consequência do telejornalismo.

Pesquisadora – Sem dúvida, né?

Caco Barcellos – Sem dúvida! No telejornalismo tem graduações também. Como eu fiz um trabalho, à época, com muitas denúncias...

Pesquisadora – jornalismo investigativo...

Traz aspectos que revelam suas singularidades:

Caco Barcellos – Sim, e isso chamava muito a atenção. Aí tem um período em que eu fui ameaçado de morte. Acho que o meu livro Rota



66¹ também lançou muita luz sobre isso, pois até então nenhum livro havia tratado dessa questão da pena de morte no Brasil. Toquei em temas que até então não tinham sido tocados, daquela forma... Eu acho que isso deve ter contribuído, não sei em que escala se mede isso. Mas eu sei que de repente eu ia pela rua e as pessoas diziam “aquele é o cara que encarou a rota...”², começaram a falar muito. Aí aparece na televisão, o cara está sendo ameaçado, sendo perseguido. Não sei. Eu notei uma grande diferença com o [livro] Rota.

Pesquisadora – Me parece que você tem um misto de paixão pelo jornalismo, que tem a ver com a coragem de enfrentar situações. É como se fosse um jornalista de guerra.

Revela um dado curioso: tem medo de certas situações às quais se expõe no tipo de jornalismo que desenvolve, mas diz que a coragem que traz no sangue fala mais forte. Resgata um aspecto pessoal que é marcante na sua história de vida:

Caco Barcellos – É, mas não é uma coragem física. Mais que coragem, a indignação com a injustiça. Eu morro de medo. A coisa física, eu tenho muito medo. Acho que indignação, mesmo. Acho que está no DNA. Talvez seja aquela coisa de família. Meus parentes eram todos assim. Meus parentes eram caminhoneiros e aprendi a dirigir com eles, eu lembro de viajar com eles do Rio Grande do Sul a São Paulo, que era a rota que eles faziam. Se a gente encontrasse assim³ uma briga na esquina, cinco homens batendo em um, meus tios desciam, iam lá defender aquele cara. “Seus covardes”, e eles brigavam bem. E eu achava aquilo o máximo.

¹ Lançado em 1993, o livro denuncia a existência de um esquadrão da morte dentro da Polícia Militar de São Paulo e cita os nomes dos oficiais envolvidos.

² Unidade de choque da Polícia Militar de São Paulo.

³ É mantido o jeito como ele fala. Sem edição. Isso enfatiza a origem, resgata o modo como ele aprecia a atitude dos familiares. Na verdade, ele continua a considerar “o máximo” a bravura dos tios, a postura de busca por justiça, a proteção às pessoas injustiçadas.



Pesquisadora – Adolescente, ainda?

Caco Barcellos – Adolescente, aprendendo a dirigir. E depois na fase adulta, também, por grande influência deles. E aquilo mexia com meu sangue. E eu acho que eu sou assim mesmo. Eu não consigo ficar imune a uma injustiça. Mesmo que não diga respeito à minha história pessoal, particular, ou da minha família. Acho que todo mundo tá no mesmo barco. Se um tá sofrendo lá na ponta isso me bate forte.

A pesquisadora começa a encerrar a entrevista: “Eu fecharia com a seguinte pergunta: Objetivamente, quais os aspectos positivos e as dificuldades que decorrem de você ser um jornalista famoso, conhecido?”.

À vontade, Caco Barcellos preocupa-se em atender à demanda. Responde atentamente à questão. Reforça a importância, para o seu trabalho, de ser um jornalista conhecido; destaca as diferenças entre o jornalista anônimo e o jornalista famoso. A partir da própria vivência, aponta características que considera importantes no próprio perfil; diz o que acha que as pessoas esperam de um jornalista:

A notoriedade te cerca, atrai pessoas para perto de você. E o repórter depende radicalmente dos outros. Por mais que você seja bem informado, em relação à mídia, conheça algum assunto, isso não te habilita a dizer: “Eu sei”. As pessoas é que sabem. O teu trabalho é resultado da apuração que você faz na rua. E essa apuração depende da confiança que se estabelece no contato com essas pessoas. Então, de novo: o fato de ser conhecido já dá um grande avanço de aproximação. Claro. Aí depende de sua habilidade, de tirar proveito disso. Acho que saber ouvir e saber observar é fundamental para esse trabalho.



O diálogo prossegue, apesar do anúncio de encerramento da entrevista. Mais uma vez ele revela que sabe comandar o processo. Não quer terminar a conversa sem deixar as informações claras, completas.

Eis aqui um dos movimentos do método “entrevista mútua”: o entrevistado quer ser uma boa fonte ao mesmo tempo em que assume o outro lado da entrevista e incentiva a continuidade do diálogo:

Pesquisadora – As pessoas até querem estar ali, não?

Caco Barcellos – É, e quem não conversou com você, e teve uma chance maior de conhecer a sua história, associada ao veículo, que também é reconhecido como sério, também quer falar. Eles dizem: “Essa ponte que construíram aqui e o fim do esgoto a céu aberto são resultado da reportagem que vocês fizeram aqui... Vocês expuseram os problemas todos e as autoridades vieram aqui e corrigiram”. Então o processo todo tem um grande benefício.

Ele aborda um aspecto importante, que é a replicação de informações em mídias variadas sem a devida apuração dos fatos. Criamos aqui certo clima de cumplicidade. Diante da relevância do assunto abordado tanto para a pesquisa científica quanto para o jornalismo, entrevistadora e entrevistado criam um ambiente de cumplicidade. Atento às perguntas, Caco Barcellos mostra-se solidário com a importância do cumprimento da pauta, coloca-se no lugar da pesquisadora:

Eu lembrei de uma coisa curiosa: eu, por conta dessa notoriedade, muitas vezes trabalho no que eu chamo de a função “repórter-isca”. Eu quero descobrir determinado fato que esteja acontecendo, por exemplo, em São Paulo, na [esquina da avenida] Ipiranga com a [avenida] São João. Tem mil maneiras de investigar essa história. Uma coisa muito frequente que eu faço: eu vou e fico parado na esquina.



Já mais à vontade com o entrevistado, a pesquisadora pergunta: “Sem máscara?”.

Caco Barcellos – Sem máscara. As pessoas vão parando e conversando comigo. Aí eu vou fazendo a apuração dessa maneira. É muito comum. Em vez de eu ir lá abordar, pois se as pessoas têm algo a esconder, elas se retraem. Se ela vem falar comigo, eu já tenho mais liberdade para perguntar: “o que está acontecendo nessa esquina, que tudo mundo tá me ligando lá [no programa]?”. Talvez ela seja interessada já em falar comigo por conta daquilo que está acontecendo. Ela tomou a iniciativa. Ela veio conversar comigo. Isso me ajuda muito. Com a câmera ligada você está invadindo o espaço dos outros.

Ele reforça que o fato de ser um repórter conhecido pode modificar as cenas. As pessoas provocam situações porque têm noção da repercussão que o fato pode ter. Mas Caco Barcellos demonstra ter reponsabilidade jornalística. No depoimento a seguir, ele esclarece a razão da preocupação inicial quando me disse que não é notícia:

Então o meu foco era determinada coisa, mas vira um acontecimento na esquina. E aquela preocupação inicial que eu falei pra você de não interferir nos fatos: às vezes eu tenho que cancelar porque eu cheguei lá, está a maior calma na aquela esquina. Você chegou e mudou tudo completamente. É o menino que estava dormindo, tranquilo vira agressivo, o outro que era agressivo vira afetuoso, vem me abraaaçar... [tenta reproduzir o movimento lento, supostamente terno do menino] “acha a minha mãe pra mim, pelo amor de Deus”. Altera a cena. Então, eu tenho que cancelar o trabalho. É o que eu te disse: eu não tenho o direito de alterar a cena. Eu tenho o direito de agir para que o fato não aconteça, por alguma razão nobre. Agora,



interferir para que aconteça, mesmo involuntariamente, eu não tenho esse direito. Aí quando um repórter mais anônimo chega lá não altera a cena.

Tocamos em um aspecto já citado pelo entrevistado: a *accountability* da mídia, que diz respeito ao papel da mídia (profissionais e o próprio veículo) nos processos de democratização da sociedade, gerando espaços de discussão de questões sociais. Para Romais (2001: 52), “num quadro de fragilização das estruturas públicas como hoje vivemos, o grande conjunto de reivindicações populares fica órfão, sem a defesa das entidades historicamente representativas. E quem assume esse papel, então, é a mídia”.

Satisfeita com a sensação de ter cumprido a pauta, a pesquisadora agradece e finaliza a entrevista.

3. O repórter-educador e a relação com os repórteres-aprendizes

O lado educador de Barcellos, que surge naturalmente na entrevista feita pela pesquisadora, é a mesma que adota com os seus repórteres-aprendizes. A cumplicidade estabelecida entre entrevistado e pesquisadora não é exclusiva dessa circunstância específica. Parece ser uma característica do jornalista-professor. Barcellos adota a mesma postura no trabalho desenvolvido nas ruas, com suas fontes e seus repórteres, na Redação do programa com sua equipe. Ele ensina, amorosamente, o seu ofício.

A condição de professor da profissão de jornalista não se limita ao espaço institucionalizado de produção do programa Profissão Repórter. O exercício se estende a outros lugares; transcende o que pode parecer algo definido ou definitivamente



estabelecido. É nessas circunstâncias singulares, como o perfil de Barcellos, que o processo da aula invertida se firma. O papel de professor do jornalista centrado na sua função de experimentar novos modos de construção da notícia se manifesta na produção do programa que comanda, como podemos observar na dinâmica do episódio do Profissão Repórter, exibido em 27 de outubro de 2015. Barcellos orienta o repórter-aprendiz no Lixão de Gramacho (RJ), que descrevemos a seguir:

Caco Barcellos – Sugiro que você faça os passos, acompanhe os passos, três anos depois do Filipe conversando com as pessoas que ele conheceu naquela época.

Erik von Poser - Tem a Carol, né, que é uma menininha pequena que construiu uma casa de bonecas que ela encontrou no lixão de Gramacho, [imagens de 2012 da menina]; tem o Márcio também que ele fazia parte na época da fundação que estava organizando o dinheiro de indenização para os catadores [imagens de 2012]; tem o Brizola né, que você conheceu ele também.

Caco Barcellos – É, acho que eu gostaria de ir atrás dele, uma grande figura! [imagens do Brizola do programa em 2012]. Ver como é que ele está três anos depois. E aqui a gente vai se dividindo, né, Erik?

No diálogo acima, o jornalista instrui o jovem ao mesmo tempo em que expressa seu desejo de, ele mesmo, reencontrar um entrevistado de três anos atrás, o Brizola, e declara, de modo espontâneo, que quer conversar com ele. E assim acontece no programa.

Em outra cena, o repórter-aprendiz Erik Von Poser encontra a entrevistada Carol e, para situar o telespectador, a edição mostra, em *flashback*, um diálogo mantido há três anos entre ela e o repórter-aprendiz de então, no Lixão de Gramacho (RJ), que descrevemos a seguir:



Carol – Eu não quero ser uma catadora de lixo. Eu não vou viver aqui para sempre, não. Eu quero ter uma vida longe do lixo, longe desse lixo aqui. Eu posso fazer uma pergunta a você?

Repórter-aprendiz – Pode.

Carol – Se você fosse pequeno e você morasse aqui, você ia gostar desse lugar?

Repórter-aprendiz - Não. Eu não queria estar aqui não.

Carol - E, mas se sua mãe não tivesse dinheiro para nada, para tirar você daqui, para ir embora desse lugar, você ia catar para ajudar ela?

Repórter-aprendiz - Eu acho que sim.

Confirmando o princípio do programa de que o repórter se deixa ser afetado pelo que “a rua” possibilita, interagindo, abrindo perspectivas para além da pauta, sentindo o que o fato concreto oferece, aqui quem faz a entrevista é a própria entrevistada, numa interação plena de possibilidades de aprendizagem. Desafios como esse tornam o programa uma aula invertida em potencial, pois mostram a investigação jornalística em ato, ao mesmo tempo em que sinaliza com novas experiências de entrevista. O “diálogo possível”, como ensina Cremilda Medina (1990) acerca da entrevista, faz-se presente uma vez que há uma abertura mútua para o outro.

Também na mesma edição do programa exibido em 27 de outubro de 2015, vemos uma cena em que a repórter-aprendiz, Valéria Almeida, vai ao Lixão da Estrutural, no Distrito Federal, e se choca ao experimentar a poeira de pó que ocorre quando passa o caminhão despejando o lixo. A poeira é tanta que quase não se vê nada:

Valéria Almeida – O caminhão acabou de despejar o lixo e já passa o trator por cima de tudo. Nossa! Eu não consigo nem enxergar mais os trabalhadores! Perigo!



Como marca imprimida por seu idealizador, o Programa mostra as experiências dos repórteres que se permitem sair do lugar convencional de jornalista “neutro” para experimentar as sensações que podem, por vezes, tirá-lo do seu controle. É uma forma mais humanizada de fazer jornalismo e de se ter um processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

O diálogo entre entrevistado e pesquisadora e as possibilidades que se estabeleceram durante a conversa previamente pautada no modo como o Programa Profissão se apresenta enquanto espaço de sala de aula pouco convencional, inclusive pelas singularidades do idealizador do programa, apontam para as possibilidades de extensão da sala de aula para ambientes não institucionalizados.

A entrevista, ocorrida num café da Rede Globo, em São Paulo, é mais uma demonstração das inúmeras possibilidades da inversão da sala de aula. A experiência vivenciada pelos interlocutores em torno da pauta da pesquisadora revelam possibilidades de inversão da sala de aula. As condições particulares de aprendizado se ampliam a partir da abertura dos participantes às experiências e práticas que levam a novas formas de compreensão da realidade observada.

A condição de sala de aula invertida se manifesta já na primeira etapa da entrevista, quando Caco Barcellos se coloca como entrevistador, faz perguntas, conduz a conversa em vários momentos, o que instiga a pesquisadora a ficar atenta ao movimento de inversão de papéis. Esse deslocamento permitiu a adaptação, no modo “entrevista mútua”, de ferramentas e métodos já existentes na etnometodologia (GARFINKEL, 2007) e na entrevista em profundidade para investigação do objeto da pesquisa.



No desenvolvimento do método “entrevista mútua”, para que a entrevistadora atinja os objetivos da pesquisa, é necessário manter as questões da pauta como foco da conversa. Caco Barcellos faz reflexões que ultrapassam a sua situação individual. Curioso, atento, características do repórter que é, demonstra envolvimento com o tema da tese, que se torna objeto de reflexão, segundo suas próprias perspectivas.

Com o objetivo de atingir a pauta, uma das táticas adotadas pela pesquisadora foi a de seguir a linha de raciocínio do entrevistado. Entrevistado e pesquisadora assumem acordos, estabelecem uma relação de cumplicidade que faz o trabalho avançar, atendendo tanto à perspectiva da entrevistadora quanto do entrevistado. O entrevistado deposita confiança na entrevistadora: trata-se da credibilidade adquirida.

Motivado a ser uma boa fonte, Barcellos ocupa o seu lado de entrevistador ao mesmo tempo em que incentiva a pesquisadora a dar continuidade à entrevista para a pesquisa. Essa inversão de papéis é a principal característica do método “entrevista mútua”, cuja dinâmica traz elementos da sala de aula invertida.

A partir do método adotado para a obtenção dos dados durante a realização da entrevista, observamos que a fama obtida por Barcellos está associada à visada profissional. Faz sempre acionamentos profissionais da notoriedade adquirida. É o que podemos observar na gravação do programa no Lixão da Estrutural, no Distrito Federal, como descrevemos.

O entrevistado considera que a notoriedade “é o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido” e seu noticiamento se refere à própria qualidade de sua produção. O telespectador não só recebe a informação, mas atribui também uma apreciação pelo modo como esse trabalho é realizado. No modo produção televisual adotado pelo “Profissão Repórter” o espectador recebe indicações, pistas sobre como o trabalho de apuração foi feito, detalhes do processo produtivo.

O programa mostra não apenas a informação, como resultado final da apuração – mas também (e principalmente) a própria apuração. De certo modo, esta é



a notícia. O processo gera notoriedade, na medida em que Barcellos aparece no comando da apuração, tomando decisões, ensinando, ouvindo, para chegar ao trabalho final.

Caco Barcellos relata que há situações em que ao chegar com a equipe de reportagem a um determinado local há transformações no ambiente, no comportamento de algumas pessoas. Sabemos do impacto que os equipamentos de TV podem causar. Especialmente se a câmera e o repórter ali presentes são de uma emissora de grande alcance. Há uma associação entre a equipe de reportagem e poder. Quando o jornalista que comanda a equipe é alguém conhecido, isso se intensifica ainda mais. Barcellos às vezes utiliza essa condição de profissional conhecido para investigar e evidenciar os ângulos relevantes que o acontecimento oferece.

Em alguns momentos da apuração, Caco Barcellos adota a função que batizou de “repórter-isca”: aparece pessoalmente quando quer descobrir o que está acontecendo em um determinado lugar. Atribui o valor da notoriedade, evitando hipostasiar: “Não ser anônimo tem essa grande vantagem”. Refere-se ao fato de ter mais facilidade de obter informações, pois já conquistou a confiança de suas fontes. Ao mesmo tempo em que facilita o processo de apuração, a notoriedade oferece riscos profissionais. Ele se preocupa com a “irresponsabilidade das redes, dos veículos não controláveis”. Um dos casos mais inquietantes para o jornalista famoso é quando ele sofre ameaça de morte e a empresa (no caso, a internet) se omite.

No processo de visibilização do jornalista observamos derivações concretas da informação jornalística e da notoriedade nesse espaço, especialmente os profissionais que trabalham com denúncias ou aqueles que assumem um papel nos processos de democratização da sociedade (*accountability* da mídia).



Para Barcellos, a mudança de plataformas possivelmente é uma das explicações para a visibilidade adquirida pelo jornalista. Mas entendemos que não são os *media* que provocam as mudanças e sim os processos sociais em vários campos. A dinâmica da sociedade e a relação das pessoas com os meios de comunicação é um deles. A participação e os modos de manifestar-se estão entre os principais fatores dessas transformações.

Na prática jornalística, Barcellos assume um duplo papel: o de repórter e o de educador, seja na produção do programa que comanda seja em outras situações como a que descrevemos sobre o processo da entrevista que gerou o modo “entrevista mútua”. Observamos assim que a *expertise* de Barcellos possibilita a extensão da sala de aula a outros ambientes não institucionalizados, gerando a sala de aula invertida, como é o programa “Profissão Repórter”.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, C. **Rota 66**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1992.

BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Anais. Porto Alegre: Compós, 2011.

GARFINKEL, H. **Recherches en ethnomethodologie**. França: PUF, 2007.

KLEIN, E. J. C. **Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter**. Tese (Doutorado). 2012.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

MEDEIROS, A. L. **Noticiador-Noticiado: Perfis de jornalistas numa sociedade em midiatização**. Florianópolis, ed. Insular, 2015.

ROMAIS, A. Mídia, democracia e esfera pública. In: JACKS, Nilda. **Tendências na Comunicação**. Porto Alegre: L&PM, 2001.